



O CONJUNTO PATRIMONIAL URBANÍSTICO DA CIDADE DE JAGUARÃO: UM MUSEU DE ARTES A CÉU ABERTO / THE PATRIMONIAL URBAN SET OF JAGUARÃO CITY: AN ART MUSEUM OPEN-AIR

Davi Oliveira Bento¹

Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA

Resumo: Este artigo tem como proposta, a análise do conjunto patrimonial e urbanístico de Jaguarão/RS, compreendendo o fato de que o torna, e o qualifica, como museu a céu aberto. Um agregado de seiscentos e cinquenta prédios tombados pelo IPHAN classificando-os como patrimônio histórico e paisagístico, que podem ser vistos sem qualquer impedimento, apenas por uma breve e rápida passagem pela cidade, muitas das vezes sem a necessidade de uma interação maior, pois, apenas por sua originalidade e versatilidade arquitetônica, disseminadas em todo seu centro histórico, já encanta o turista de alguma forma. Como patrimônios culturais, significam bens produzidos pelo homem, que num tempo histórico, modificam a paisagem daquele local, e os mesmos foram marcados pelas atividades humanas que se destacaram naqueles bens, que são de relevância para a comunidade, se aplicando num significado literal para a cidade. Com isso, no contexto dos patrimônios ali existentes, como todas as formas arquitetônicas a serem vislumbradas pelos turistas, o que lhes atraem como museu de arte a céu aberto por estar ligado, na sua popularização, como antiguidades.

Palavras-Chave: Conjunto *patrimonial*; *Museu*; *Turismo*; *Visão do turista*.

Abstract: This article is to analyze the urban patrimonial set of Jaguarão / RS, understanding the reason which qualifies it as an open-air museum. An aggregate of six hundred and fifty buildings protected by IPHAN classifying them as scenic and historical patrimony, which can be viewed without any impediment, and only a short and rapid passage through the city, and the view of its architectural variety located around its center, without the need for more interaction, might already enchant the tourists. As cultural patrimonies, it means, goods produced by man which in historical time modifies the landscape of that place, and the same were marked by human activities that have excelled in those assets, which are relevant to the community, applying a literal meaning to the city . With this, in the context of existing patrimonies there, as all architectural forms to be glimpsed by tourists, which attract them as an art museum in the open-air, because it is usually linked, as antiques.

Keyword: *Patrimonial set*; *Museum*, *Tourism*, *Tourist Vision*.

¹ Bolsista do Curso de Turismo da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. E-mail: davi.o.bento@hotmail.com



Introdução

No final do século XVIII, nas margens do rio Jaguarão, deu-se a instalação de um acampamento militar da Coroa Portuguesa, responsável por proteger as terras da fronteira de ataques provindos da Coroa Espanhola. No ano de 1812, o acampamento conhecido como Guarda da Lagoa e Cerrito passou a se intitular como Freguesia do Espírito Santo do Cerrito de Jaguarão. Em 1815 foi arquitetada a primeira planta urbana da Freguesia, baseadas em modelos característicos a cidades gaúchas de berços militares. Dezoito anos depois, em 1832, a Freguesia foi elevada à Vila e em 1855 é denominada Cidade, mas em 1865 Jaguarão é saqueada pelos *castelanhos*, forças militares que queriam recuperar as terras conquistadas pelo Império brasileiro. Chegando ao ano de 1910, Jaguarão começa a se passar por um novo processo de urbanização, a chamada “*cidade nova*”, tendo como exemplares a inauguração da Ponte Internacional Mauá em 1930 e logo depois passou funcionar o seu ramal ferroviário, que interligava o Brasil ao Uruguai.

Através deste breve traçado da trajetória, dos fatos históricos que deram destaque a cidade de Jaguarão, notamos seu desenvolvimento por meio de vários processos políticos, como a questão das revoltas e disputas entre Republicanos e Federalistas, as diversas urbanizações que ocorreram ao longo dos tempos, e ainda assim vemos também que o município, hoje, conseguiu preservar o conjunto patrimonial das oitocentas edificações construídas no período de dois séculos, um bloco conjuntivo com tanta significância para a arquitetura urbana que consegue demonstrar com facilidade o tipo de economia e cultura que desencadeou todo o seu crescimento. Inicialmente sobrevivia-se com a atividade comercial e pastoril dos estancieiros, que já ocupavam grande parte do meio rural para a criação de gado, até inteirar-se as atividades do ciclo charqueador com mão de obra escrava, porém não durou muito, pois consolidou-se a rizicultura, utilizando agora o espaço rural para o plantio do arroz. Tais atividades econômicas foram perdendo força com o tempo, por mais que ainda façam parte renda dos habitantes jaguarenses, o que sobrou e hoje se destaca com impulso é o turismo cultural, voltado a apreciação e visita dos edifícios históricos, que se evidenciam pela sua arquitetura eclética, de diferentes estilos, períodos, com uma rasa influência espanhola oriunda da fronteira.



A palavra turismo, assim como a atividade do turismo cultural, é ainda muito recente no município de Jaguarão, não explorado pela população e pelo poder público, entretanto, existem contribuições públicas que estão preparando a cidade para um suposto futuro turístico, como por exemplo, os onze projetos que foram selecionados pelo PAC 2 para a restauração do patrimônio histórico, e que também entraram para a relação das ações a serem contempladas pelo PAC Cidades Históricas, com recursos de até R\$40,30 milhões de reais. Além de fazer parte de um trabalho de resgate da memória, irá contribuir primeiramente para a estruturação da comunidade, a partir daí o uso turístico, como o Centro de Interpretação do Pampa, que é um dos onze projetos e que já está em andamento, na reconstrução e reaproveitamento das Ruínas da Enfermaria.

Julgando pela entrada destes recursos para as obras efetivas neste espaço de cultura e história que possui a cidade, vemos que, na verdade, foi uma “aposta” do governo que visa não só valorização cultural e histórica, ou como o reaproveitamento dos espaços para novos usos, mas todo um exercício de observação sobre a riqueza dos demais elementos encontrados em cada edificação, como os elementos decorativos, habilidades e técnicas dos antigos construtores, os materiais utilizados na elaboração, os detalhes rebuscados nos exteriores e interiores dos prédios, que não revelam apenas o poder econômico, mas como também caracterizavam o lado pessoal de cada proprietário.

O merecimento destes patrimônios, passíveis de musealização, parte do momento em que assistimos verdadeiros museus sendo postos ao tabuleiro. São casarios que possuem sentidos próprios, histórias, características singulares e ensinamentos do teórico ao prático, que passam até mesmo verdadeiras lições de urbanização e arquitetura. Um acervo patrimonial que hoje pode ser considerado como um dos maiores exemplos de homogeneidade que representam a sua forma no ecletismo, tanto na região Sul como em todo o Brasil.

O Museu e a modernidade

O museu nos primórdios de sua geração, tinha como propósito a coleção dos mais variados objetos considerados importantes e valiosos para serem exibidos. A Grécia antiga foi a que mais se sobressaiu neste quesito, onde encontramos instituições detentoras de grandes coleções preocupadas com a memória, como a ainda existente no Liceu de Aristóteles ou no

Musaeum e a Biblioteca de Alexandria, no Egito. As devidas instituições dificilmente sediam suas “matérias primas” ao público, neste caso, livros, animais, relíquias e plantas, e muito menos as utilizavam como instrumentos de pesquisa ou educação, logo, todos eram apenas coleções que não deveriam ser acessadas. A partir do século XVIII os museus passam a ganhar um novo paradigma, porque com a abertura dos museus para a pesquisa, dos objetos valiosos que eram encontrados e ali depositados, novas questões passaram a ser levantadas, como as classificações dos museus, pois agora, cada coleção deveria estar compartilhando o seu espaço com o critério científico a ele ligado, como as plantas aos museus de ciências naturais e ferramentas antigas aos museus de arqueologia. Essa divisão dos museus foi o pontapé inicial que reflete nos dias atuais a realidade dos museus, que também ganharam diferentes classificações por área ao longo dos anos. A “modernização” dos museus e suas novas graduações são aparentes, e aos poucos vão se consolidando, atendendo a grande demanda de novos apreciadores de museus. Pinheiro(2004) fala claramente a respeito, pois o olhar museico estendeu-se para além do passado, incluindo um público mais diversificado culturalmente e socialmente, e suas ações estão hoje incorporadas nos nossos costumes.

Os museus em questão são responsáveis pela salvaguarda desses importantes pontos de cultura que compõem a vivência, a memória e o ambiente de uma cidade, de um bairro, e até mesmo de um país. Atualmente, os museus espalhados pelo mundo estão encontrando formas de trazer as diferentes memórias, resgatando a lembrança de uma cultura que antes era comum e que com o tempo ela vai sendo esquecida. Um exemplo desta nova filosofia museológica é o Museu do Estúdio Ghibli, no Japão, que tem como foco o público infantil, mas consequentemente acaba atraindo os adultos que presenciaram a trajetória da animação japonesa com os filmes e desenhos animados criados pelo estúdio ainda quando eram crianças, desde no ano de sua fundação em 1985.

“Abre-se, assim, a possibilidade da própria revitalização da memória que, de forma generalizada, é a base para a construção das identidades, para a consciência do indivíduo, pessoal e coletivamente, compondo uma das formas mais eficientes para o resgate do passado, ligando-o ao presente e ao futuro.”(VERGOLINO, 2004.).

Com uma nova geração surgindo, é de se esperar que surjam novos museus, com novas feições, mas que nunca perdem a sua incumbência, que é cultivar o conhecimento, o lazer e a cultura através da arte e da memória. Porém, segundo Wilder(2009), as

transformações em andamento da sociedade mundial afetaram também os museus, que vivem em constantes crises de identidade e estão frequentemente atualizando a sua definição, logo, partindo desse ponto, percebe-se que atualmente os museus estão passando por fases de categorização, se adaptando as massas sociais, no qual uns seguem premissas de que museu é um local para se aculturar, outros apresentam museus como espaço para agregar grandes públicos, relacionado a cultura do mercado. Contudo, o museu continua sendo um espaço de preservação, tanto estrutural quanto cultural, que dificilmente será perdido pela questão do tempo, pois o museu é justamente o espaço do “isolamento temporal”, fazendo com que a sua obra não perca o valor excepcional.

Em se tratando do museu a céu aberto, conforme Vergolino(2004), é uma expressão que tem sido bastante utilizada nos últimos anos, principalmente para classificar os centros históricos que estão passando por processos de revitalização, e que em sua totalidade patrimonial, eles conseguem entrar harmonia uns com os outros formando uma paisagem forte e aliada. Em Barcelona, na Espanha, é um dos países onde encontramos esses poderosos indícios do museu a céu aberto, no qual já se recebe essa classificação, especialmente pelas construções orgânicas do famoso arquiteto Antoni Gaudí, como a Casa Batlló, o Templo Expiatório da Sagrada Família e o Parc Güell, obras que revelam um pouco da identidade e do design catalão, e que são massivamente visitadas por turistas do mundo todo.

Diferente de qualquer outro tipo de museu, o “a céu aberto” não possui uma restrição social e espacial, é uma área acessível ao público, todos podem se relacionar passivamente com o ambiente museal, “um espaço de convivência social e de formação de cultura e poderá vir a forjar uma cultura visual coletiva, base para negociações e conversas entre diferentes culturas e grupos sociais”(WILDER, 2009, p.34), assim como, “o museu não pode mais ser visto como uma instituição com uma forma estável e definida, pois o seu espaço ampliou, transpôs as suas paredes físicas, a sua missão, assim como suas formas de representação”(PINHEIRO, 2004, p.108-109).

O turista ao visitar o museu a céu aberto, geralmente movido por seu imaginário ou através de algum material de divulgação, ou ainda, por ter ouvido experiências de outras pessoas que o visitaram, é remontado em sua mente aquilo que poderia ser antes do mesmo se fazer presente, e ao se deparar com esse museu a céu aberto, por suas construções e de

arquitetura diferenciada, antigas, rústicas, entre outras, automaticamente ele atribui a edificação com o cotidiano local, as formas como as pessoas da comunidade agem e transparecem, assim como as suas práticas diárias, nada mais que a tradição local, assim como assimilamos os hotéis capsulas com o dia a dia corrido da super-população chinesa. Podemos reforçar esse conceito da visão do turista sobre a identidade comunitária, através do seguinte trecho:

[...]o olhar do turista é estruturado por noções culturalmente específicas daquilo que é extraordinário e, portanto, digno de ser visto. Isso significa que os serviços que podem ser incidentais para o próprio olhar, precisam assumir uma forma que não contradiga ou solape a qualidade do olhar, idealmente, devem intensificá-lo(URRY, 2001, p.96).

O turista é exigente quanto aos resultados do seu imaginário, pois, de nenhuma maneira ele se espera decepcionar com o não comprimento das imagens que ele presenciou antes, através de fotos, internet ou revista, ou de alguém que já visitou o lugar. “Quando as pessoas visitam lugares fora das grandes capitais e de outros centros de grande porte, o que elas acham aprazíveis são aquelas edificações que parecem apropriadas e que distinguem esse lugar dos outros”(URRY, 2001, p.170), as sensações, a paisagem, as pessoas, tem de ser conforme a oferta da mídia, caso contrário o turista pode desaceitar o lugar, e esse comportamento, na verdade, é ocasionado pela falta de conhecimentos prévios sobre as características do local e da população visitados, geralmente pela carência de dados da cidade, por mais que ela possua informações de relevância que a caracterizem ao todo, a experiência física do indivíduo com o meio ambiente não será a mesma.

Fatores que implicam a cidade de Jaguarão como museu a céu aberto

Quando se fala em museu a céu aberto, ou ao ar livre, uma das coisas que se imagina, utilizando o senso comum, é uma galeria de quadros, postos um após o outro, como num verdadeiro espaço de um museu “tradicional”, só que fora das dimensões internas dele, onde nestes quadros se fazem presentes as belas artes dos grandes artistas nacionais e internacionais. Mas quando viajamos a realidade de Jaguarão, ao invés de quadros, colocamos então um grande conjunto de casas, postas uma ao lado da outra, que construídas artisticamente.

O museu a céu aberto do centro histórico de Jaguarão remonta um conjunto de paisagens diferenciadas e ecléticas, que assim como os quadros expostos nas paredes de um

museu de artes tradicional, possuem sua estética, que transmitirá ao turista uma mensagem, que pode lhe remeter algum valor pessoal, ou um sentimento, sobre aquele patrimônio visto, pois, determinados estilos transmitem diferentes histórias(Urry, 2001), e são estes pequenos ou grandes fatos históricos, específicos daquele prédio, que moverá o turista pela busca do desconhecido, pois não devemos esquecer: museus ainda são lugares que guardam histórias, preservam memórias e tradições, apesar de todas as suas transformações temporais.

Após o tombamento dos prédios do centro da cidade de Jaguarão, em 2011, como conjunto histórico e paisagístico do município gaúcho, como patrimônio cultural do país pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional(IPHAN), começa então a se tornar perceptível os fatores que o tornam importante, pois, agora como bens protegidos pela legislação, não sofrerão interferências que os ameacem e os violem.

A composição desse Centro Histórico e Paisagístico de Jaguarão é integralizada em edificações coloniais, as modernistas e o Deco, ou Art Deco, que é uma influência visual e artística francesa caracterizada por suas cores, ornamentações e formas geométricas bem definidas.

Figura 1 – Visão frontal das Ruínas da Enfermaria Militar. Atualmente em processo de revitalização, para se sediar o futuro Centro de Interpretação do Pampa.



Fonte: Facebook – Álbum digital do fotógrafo Lino Marques Cardoso. Disponível em:
<https://www.facebook.com/linomcardoso?fref=ts>

Figura 2 – Fachada da Igreja Matriz Imaculada Conceição, no centro histórico de Jaguarão.



Fonte: Facebook – Álbum digital do fotógrafo Lino Marques Cardoso. Disponível em:
<https://www.facebook.com/linomcardoso?fref=ts>

O município de Jaguarão possui um patrimônio que foi e é muito marcado, uma grande quantidade de prédios, que guardam histórias, interpretações e contos de famílias e pessoas do passado, como a história da Minervina, uma senhora de família nobre portuguesa que construiu a Igreja Matriz Imaculada Conceição por causa de uma promessa, pós ter sido impedida de entrar na Igreja Matriz do Divino Espírito Santo por estar excomungada.

Tais ritos históricos são literalmente conhecidos pela cidade, uns já ouviram falar, outros entenderam de outra maneira, enfim, tudo o que se ouve das histórias dos personagens ilustres da Jaguarão, no final, acabam sendo verdade. Por mais que a tradição ou os costumes não possuam tanta autonomia perante a representação dos patrimônios, há motivos claros que fazem dessa contradição compreensível, pois “a memória da cidade é por um lado monumental, articulada em torno de marcos usuais(a catedral, a hospedaria da cidade) por outro lado cotidiana, vividas nos percursos de ruas e praças”(PINHEIRO, 2004, p.112), e ainda:

A obsessão pela conservação de todos os traços e signos culturais, mais do que preservar o patrimônio, poderá colocá-lo sob risco de decomposição ou desaparecimento, já que a musealização ao antecipar a representação, antecipa também a morte do objeto apresentado.



A muzealização vai se apresentar de vários modos, e como memória será dinâmica e múltipla, incorporando os novos papéis representados pelo novo museu (PINHEIRO, 2004, p.112-113).

O museu a céu aberto de Jaguarão já está bem representado, primeiro com a história já incorporados na comunidade, e segundo a arte presente nos prédios, porém, seria ainda mais interessante vemos o que a cultura local tende a oferecer, mas hoje ela se encontra numa verdadeira carência desses traços culturais, não meramente reconhecidos ainda, o que não garante que futuramente aflorar-se-á de maneira forte na população, a partir do momento em que houver a valorização de suas raízes, e por meio do próprio patrimônio em que vivem, quando abrirem os olhos e perceberem que, “vivem em um museu, e ao mesmo tempo, estão rodeados por museus”(URRY, 2001, p.168), e que não é arriscado dizer que os mesmos fazem parte deste museu.

Fica claro então que a população jaguarense tem um papel importantíssimo não só na preservação desses patrimônios arquitetônicos museológicos, mas os próprios compõem a própria estrutura do museu, uma vez que estão responsáveis por manter a sua história, não necessariamente a tradição e os costumes. A essência cultural de um museu, quando ele é reconhecido, inconscientemente é passado a comunidade através de um efeito em cadeia, fazendo com que o moradores sintam o sentimento de pertencimento, autoestima, enquanto para o turista um sentimento de satisfação significativa.

Os meios de conscientização a população local, para serem feitos de forma efetiva, devem ser pensados com cautela, com a criação de programas e projetos sociais inclusivos, visando todas as possibilidades de interação com no mínimo a maioria, e não só a parcela que habita em patrimônios museais, mas as que vivem no entorno do mesmo, que muitas das vezes possuem mais entendimento com quem mora no edifício, assim como os marginalizados e as pessoas que vivem no nível da pobreza.

De imediato, modificar a forma de como o meio comunitário da cidade de Jaguarão vê e conceitua o museu, é de suma importância, e Pinheiro(2004) aborda sobre a importância dessa quebra de paradigmas dentro do espaço museico, que não se limita unicamente como lugar para atrair massas a sua visita, mas um centro de criações, pois, é o próprio homem que monta a estrutura turística, então por qual motivo não se criar a atração?

Museu é um lugar de inovação, onde as pessoas ao chegarem no mesmo, querem encontrar o além da imagem que fora projetada no seu imaginário, contam ser surpreendidas. Utilizar-se dos recursos e da história que possui, mesmo que aos poucos, já é um degrau escalado, desde que ele atue como museu, uma legítima ponte entre culturas, focando-se em ações que transformem mentalidades e percepções, aproveitando da riqueza arquitetônica do museu ao ar livre jaguarense, a própria exposição artística visual, como o cartão de visita, daí o turismo receptivo retêm sua força.

Com esta proposta, vemos que o turismo é um instrumento valioso, porque:

O fim maior e o melhor tipo de uso dessa herança ancestral é melhorar a qualidade de vida da atual geração e das gerações futuras e para essa finalidade o turismo se constitui instrumento privilegiado. É necessário que seja dado oportunidade de acesso ao cidadão à sua memória, ao resgate e (re)construção de sua identidade(PARDI, 2007, p.308).

E Pardi(2007) ainda afirma:

A compreensão da cultura é fundamental no turismo para possibilitar a compreensão entre o visitante e o visitado, para que a cultura possa ser um recurso comercial (sob reserva), que ajuda a mitigar impactos negativos nas culturas anfitriãs ou nos bens visitados(PARDI, 2007, p.308).

A presença desses museus como empreendimentos culturais, para o turismo, seria uma alternativa rentável, principalmente para a comunidade. Muitos são os prédios históricos que encontramos, até mesmo pelo Brasil, que são dados novos usos e sem perderem a sua originalidade quanto a arquitetura e história, como a Adega Flor de Coimbra, no centro do Rio de Janeiro, que mesmo após perder sua função como adega, ela foi tombada e passou a funcionar como restaurante, e hoje é um dos mais tradicionais da cidade.

Onde poderiam ser vendidos os suvenires característicos do artesanato da região de Jaguarão? Assim como os clubes serem utilizados para as festas gauchescas ou uma maior valorização das ruas(que em si já contam histórias) para a realização de eventos que atraiam turistas, ou a gastronomia típica do município a ser praticada.

O empreendimento-destaque feito em museu de interior, da cidade de Jaguarão, até então, e que faz parte deste conjunto histórico e patrimonial, é o Museu Dr. Carlos Barbosa Gonçalves, que guarda em seu acervo a história de Carlos Barbosa e da sua família. Seus bens pessoais como jóias, roupas, móveis e outros objetos de valor, todos se concentram dentro do museu, para serem vistos e contemplados pelo turista e pelo cidadão que visitam. Apesar de toda a beleza e sua valia cultural, poucas são as pessoas da comunidade que o frequentam, por motivos óbvios, pois além de se tratar de um museu particular, logo, é pago, se trata de um

prédio sem nenhum valor adicional, que faça com que eles se movam até a ele. É um empreendimento fechado, onde visita quem quer; a própria política do museu não contribui para a inclusão social, de pessoas que muitas das vezes não possuem condições financeiras de visitar o museu, quando não o conhecem.

Como dito por Pinheiro (2004), a preocupação com a preservação de um traço pode trazer riscos a conservação do bem patrimonial, como também podemos aplicar ao mesmo o sentido contrário, pois nesse caso a obsessão pela proteção do museu exclui a sociedade, a afasta de conhecer melhor o seu passado. Involuntariamente ou não está fadando o museu a um espaço cru, frio, em que a comunidade passa a frente e o vê apenas como mais uma “casa antiga”, contudo bela. E fato de inserir melhor os grupos sociais que vivem no entorno não significa que ele se deteriorará perante isso, e Pardi(2007) reforça que a preservação além de definir a participação do Estado ou do município, também há a necessidade da presença do cidadão. As práticas para o uso do museu devem ser orientadas, sem incorrer na sua destruição física, e isso não acontece na íntegra.

A preparação da comunidade para bem tratar o patrimônio em que vivem é um processo a longo prazo, pois a conscientização de uma comunidade no todo é algo trabalhoso. É comum se deparar com um anfitrião que não se conforma com mudanças, porque o mesmo não está preparado para transformações, por mais que elas sejam benéficas, mas pelo medo se perder aquilo que já possuem pela modernização e até mesmo pela tecnologia, que podem descaracterizá-lo. Devemos frisar que os edifícios situados no centro histórico da cidade de Jaguarão são tombados, logo, apontar aos anfitriões e aos novos residentes que estes prédios, que também são lares, possuem histórias magníficas e com pesquisas exploratórias consegue-se um melhor levantamento de informações sobre o lugar fazendo dele um museu ainda mais completo, atraindo ainda mais turistas e aumentando a renda da cidade, não se deve ter medo do crescimento quando se possuem diretrizes que o guardam de serem esmagados.

O museu a céu aberto entra em jogo quando começamos a falar no direito de todos, pois ainda hoje há pessoas que, por acharem que determinado patrimônio é público, podem fazer o que bem entender com tudo aquilo que é gerado pelas instituições governamentais. Os museus “a céu aberto” ou “ao ar livre” já entram em divergências por estarem pontuados nestas zonas públicas, onde transitam imensidões de pessoas diariamente, que pensam e agem de formas diferentes, em que algumas cuidam e outras destroem esse patrimônio. Jaguarão é

privilegiada quanto a essa realidade. Talvez seja porque temos uma população que pouco se conhece, que não tem estudo sobre as suas origens, e o medo de se perder o que consideram “pouco” não fere apenas a eles, mas todos habitantes ao redor.

Contar com um patrimônio tão bem cuidado e salvaguardado, pois já se encontram tombados e pelo qual, neste momento, espera-se apenas pelas iniciativas do governo para estarem realmente revitalizados e posteriormente serem ativos, é uma primazia que não existe em qualquer lugar, nem uma grande metrópole. O museu a céu aberto de Jaguarão, por meio do seu Centro Histórico e Paisagístico, funciona de forma tão harmoniosa e linear, ainda que não esteja completamente consolidado, mas os jaguarenses fazem parte deste alicerce, enquanto os casarões transfiguram as colunas da cultura, da história, dos ritos, da arte e do conhecimento, e o que dará o apoio ou a cobertura é o que está por vir, pois o museu a céu aberto é isso, ele se redescobre a cada dia que recebe e ganha uma nova compreensão.

Considerações finais

Nesse sentido, ressalta-se que a relação entre o patrimônio cultural e os museus, por meio dos casos mencionados neste artigo que, apresentam a interação da comunidade receptiva neste meio, indica as diferentes concepções que se têm de patrimônio, tanto para o visitante quanto para o visitado.

Observando também que em qualquer processo social, há “escolhas”, ou seja, ao mesmo tempo em que, atualmente, valoriza-se o patrimônio arquitetônico citadino, ele agrega a uma serventia antes não destinada a ele, valorizando a memória dos grupos detentores, mas o que ocorre é o processo inverso, um fenômeno de troca equivalente que funciona na cidade, mas que de certo modo faz falta.

Ao elegermos novas representações, expressões ou manifestações ao patrimônio, assim como o museu a céu aberto, deve se levar em conta que tal classificação não está relacionada a uma política, seja ela cultural ou para o próprio bem patrimonial, mas ele é elevado a essa categoria por se tratar de um espaço cultural que carrega identidade, a consciência de um grupo, que mostra a riqueza e a diversidade cultural da região em diferentes espaços e de diferentes modos.

Referências

- WILDER, G. S. *Inclusão Social e Cultural - Arte contemporânea e educação em museus*. São Paulo: UNESP, 2009.
- PINHEIRO, M. J. *Museu, Memória e Esquecimento – Um Projeto de Modernidade*. Rio de Janeiro: e-papers, 2004.
- URRY, J. *O Olhar do Turista – Lazer e Viagens nas Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: SESC, 2001.
- PARDI, M. L. F. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 33 – Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação*. Brasília: IPHAN, 2007.
- VERGOLINO, P. L. G. *Revista Museu – Belém do Pará: Museu a céu aberto*. [S. l.]: RM, 2004.